

Somos vistos como “máquinas de aprender”: narrativas dos jovens acerca da Educação Matemática.

Luciana Michele Martins Alves¹

Resumo

Este artigo é resultado das reflexões iniciais de um projeto de pesquisa de Mestrado Profissional em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação PPGED/UERGS, vinculada à linha de pesquisa Formação de Professores, que está ancorada na perspectiva dos Estudos Culturais e estudos sobre juventudes. A partir das experiências vivenciadas na área da educação como docente, com formação na área da Matemática, meu foco para este projeto de pesquisa foi abordar as diferentes narrativas dos jovens acerca da Educação Matemática nos diferentes espaços escolares. Assim, o objetivo geral da investigação é compreender como os/as jovens alunos/as narram à matemática a partir das suas histórias escolares, e de forma mais específica buscou mapear/diagnosticar, conhecer e analisar como vão se constituindo as relações destes alunos com a disciplina de Matemática. O estudo em processo tem como base a análise qualitativa estabelecendo uma aproximação entre o sujeito e o pesquisador, criando espaços para uma análise de todo o contexto desde o mais complexo, até mesmo, os subjetivos. As análises apresentadas para este trabalho ancoram-se nas abordagens etnográficas e representam um recorte construído a partir de uma primeira imersão a campo. Para esta inserção construí um documentário com depoimentos dos jovens sobre a sua relação com a disciplina de Matemática, o documentário envolveu alunos de escola pública municipal e estadual na modalidade do Ensino Médio e Curso Normal da cidade de Taquara/RS e Igrejinha/RS. Os resultados iniciais me possibilitaram perceber que as vivências escolares positivas ou negativas constituem a forma como tais jovens compreendem a disciplina. Também possibilitou avaliar que existe um vasto e importante campo de pesquisa acerca desta visão juvenil com relação à disciplina de Matemática, principalmente entre os jovens do Ensino Médio e Curso Normal.

Palavras-chave: Estudos Culturais. Juventudes. Educação Matemática.

Introdução

Com certeza já ouvimos a frase “eu odeio matemática” ou “eu sou bom em matemática” expressada pelos alunos da educação básica, pois a disciplina de Matemática está presente no dia a dia dos educandos por meio do currículo escolar, que ainda é reconhecida, por grande parte destes sujeitos, como a vilã no período escolar, porém muito importante para nosso dia a dia, bem como para o desenvolvimento da sociedade. A partir das experiências vivenciadas na área da educação como docente, com formação na área da Matemática, meu foco para este artigo foi abordar as diferentes narrativas dos jovens acerca da Educação Matemática nos diferentes espaços escolares a partir de uma primeira imersão a campo.

Neste contexto, percebemos que os jovens precisam ganhar lugar nos diferentes espaços

¹ Mestranda do curso de Mestrado Profissional em Educação da UERGS, participante do projeto de pesquisa Desafios do Ensino Médio: por uma Pedagogia das Juventudes, coordenado pela professora doutora Rita Cristine Basso Soares Severo. O projeto está vinculado ao grupo de estudo e pesquisa em educação integral e currículo: dispositivos e configurações dos tempos e espaços escolares – gpeic (registrado no cnpq) – área das ciências humanas – educação. Especialização em Psicopedagogia Institucional pelo Centro Universitário Barão de Mauá, Licenciada em Matemática pelas Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT), Curso Normal pelo Colégio Santa Teresinha. E-mail: lucianamichelem@yahoo.com.br

escolares, ouvindo-os e assim reconhecendo a realidade, valorizando e construindo caminhos para o desenvolvimento social e cultural na busca do SER cidadão, e esta, é uma atitude que vai contra o tradicional, que geralmente falamos para as juventudes e impomos o que achamos que é correto para a sociedade adulta.

Para entender este processo, abordo alguns autores que estudam as juventudes, mas a intenção aqui não é a busca de uma única definição, categorização ou a objetividade e a detalhada conceituação sobre os jovens, e sim compreender na pluralidade, com diferentes representações a fim de compreender as diferentes formas de ser jovem. Portanto a contextualização discute alguns discursos que buscam falar sobre as juventudes contemporâneas neste espaço escolar do Ensino Médio.

Portanto, inicio está reflexão com a expressão de uma aluna do Ensino Médio que se narrou da seguinte forma: “Somos vistos como máquinas de aprender”, tal expressão foi tão forte para mim que trago no título deste estudo.

O estudo em processo tem como base a análise qualitativa estabelecendo uma aproximação entre o sujeito e o pesquisador, criando espaços para uma análise de todo o contexto desde o mais complexo, até mesmo, os subjetivos. As análises apresentadas para este trabalho ancoram-se nas abordagens etnográficas e representam um recorte construído a partir de uma primeira imersão a campo. Para esta inserção construí um documentário com depoimentos dos jovens sobre a sua relação com a disciplina de Matemática, o documentário envolveu alunos de escola pública municipal e estadual na modalidade do Ensino Médio e Curso Normal da cidade de Taquara/RS e Igrejinha/RS. Estes alunos foram convidados a participar da pesquisa com o consentimento livre esclarecido e a autorização de uso de imagem, assim através de seus depoimentos oportunizou o espaço para a singularidade de diferentes narrativas.

Através da produção de um documentário de pesquisa com jovens, possibilitou para a pesquisadora uma primeira inserção a campo, desta forma, foram analisados e discutidos os dados coletados através do instrumento escolhido, o documentário.

Contextualizando o estudo

Abordamos diversos modos de ser jovens na sociedade tomando como referência para essas análises a autora Rossana Reguillo (2003) que em seus estudos afirma que há uma enorme diversidade de identidades juvenis, estas definidas em diferentes categorias, então por isso utilizamos a palavra juventudes no plural por possuírem mais de um modo de ser jovem, dessa forma com diferentes marcadores identitários da classe social, gênero, orientação sexual, raça, etnicidade, idade, geração, território entre outros indicadores sociais.

Corroborando com esta ideia Dayrell (2003), entende as juventudes como parte de um processo na constituição de sujeitos singulares devido ao meio social de vivência de cada um, pois não há um único modo de ser jovem, ainda mais, nas camadas populares, portanto, se explica a noção de juventudes, no plural, para demonstrar que há uma diversidade de modos de ser jovem.

Ainda Dayrell (1996) salienta que a juventude é uma condição social, onde se constitui através de uma forma desigual e diversa em função de sua origem social, em uma sociedade marcada por grandes diferenças sociais, desigualdade e diferentes possibilidades de ser jovem, ou seja, um tipo de representação, e afirma que a condição juvenil predominante no Brasil se encontra nas camadas mais empobrecidas, sendo que viver e sobreviver é uma das condições da grande maioria dos jovens. E esta geração contemporânea muitas vezes vive na esperança de um futuro melhor, com uma busca constante de seus sonhos, ideais e com poucas oportunidades.

A situação do jovem frente ao sistema de ensino é considerada uma das condições, que difere, juntamente com a condição social sobre vivida pelos jovens, visto que, o jovem procura na formação algo diferente do que um dia entrou na escola, como se fosse uma possibilidade de melhorar a qualidade de vida, como se fosse sua única possibilidade. No entanto Regina Novaes, no documentário “Nunca me Sonharam”, diz que, as juventudes é um universo paralelo, que realmente o jovem é tratado pela sociedade pensando no futuro, na esperança de um dia SER alguém na vida, e desta forma na busca de ser alguém na vida, acaba na verdade abandonando o presente e junto com ele toda a bagagem construída culturalmente e socialmente, deixando de lado o presente vivido como uma forma de espaço de formação e valorização do SOU. No entanto, Dayrell (2003), destaca que, para estes jovens o tempo da juventude é no presente vivido. A família muitas vezes é um espaço de conflitos, porém para estes jovens é um espaço de experiências estruturantes para cada sujeito jovem.

Dayrell (2007), ao refletir sobre os jovens, ele considera a parcela de jovens brasileiros que frequentam escolas públicas, na maioria, formada por jovens pobres que vivem nas periferias marcadas por um contexto de desigualdade social. Jovens estes que tem uma vida dura e difícil e estão situados nas camadas mais empobrecidas da sociedade. Onde esta condição juvenil não depende de uma moratória e sim porque trabalham em busca de sobrevivência que garantem o mínimo para o consumo, namoro e lazer.

Nessa perspectiva, Dayrell (2003, p.50) em sua pesquisa com jovens rappers e funkeiros percebe que “as experiências escolares desses jovens evidenciam que a instituição se coloca distante dos seus interesses e necessidades, não conseguindo entender nem responder as demandas que lhe são colocadas, pouco contribuindo também em sua construção como sujeitos.” Cabe perguntar como a escola percebe os sujeitos jovens contemporâneos? O currículo do Ensino Médio contempla a diversidade de modos de ser jovens?

Na mesma direção Margulis e Uresti (2000) contribuem quando trazem que existem distintas maneiras de ser jovem, uma delas considera a juventude como não somente um estado, etapa, condição social ou estágio de vida, mas também significa um produto, então a juventude acaba se tornando um valor simbólico e compondo os discursos sociais. Este valor simbólico da juventude acaba sendo almejado para aumentar este tempo juvenil e assim virando uma mercadoria, nesse sentido, os autores Margulis e Uresti (2000, p.3) consideram que:

Es esta simbolización de la juventud, sus condiciones externas, lo que se puede transformar en producto o en objeto de una estética, y lo que puede ser adquirido por adultos para extender en el tiempo su capacidad de portación del signo "juventud". La juventud-signo se transforma en mercancía, se compra y se vende, interviene en el mercado del deseo como vehículo de distinción y de legitimidad".

E neste contexto de mercado de desejo, como vimos, a busca desse signo da juventude, acaba se destacando como um símbolo da juventude desejado pelos adultos, na intenção de aumentar este tempo, podendo carregar de certa forma este símbolo ao longo do tempo. E como pensar no jovem como aluno dentro de todo este contexto?

Dayrell (2007, p. 1122) relata que “a tensão entre ser aluno e ser jovem se manifesta também na relação com o conhecimento e os processos de ensino-aprendizagem”. Alunos trazem a crítica de que o currículo praticado não se aproxima da sua realidade, pois não entendem certas demandas repassadas, necessitando de uma explicação do fato daquele conteúdo ser lhes transmitido e qual relação com a suas realidades cotidianas. Por outro lado, o envolvimento com as disciplinas de cada aluno é diferenciado, dependendo de como ele se constitui como aluno e a capacidade que possui de atribuir sentido ao que lhe é ensinado, dessa forma, essas manifestações se concretizam em diferentes e diversos percursos escolares, acentuados pela participação ou pela resistência, dependendo da tensão que cada um elabora o ser jovem e o ser aluno.

Logo, Silva (2013), traz que o currículo é sempre um resultado de uma seleção de conhecimentos e saberes mais amplos e seleciona-se uma parte para construir o currículo, e através das decisões das escolhas das teorias do currículo, essas justificam as escolhas feitas. Assim o currículo tem a busca de modificar as pessoas seguindo este ou aquele currículo idealizado.

Ainda Silva (2013, p. 15) reflete sobre a palavra currículo

[...]se quisermos recorrer á etimologia da palavra “currículo”, que vem do latim curriculum, “pista de corrida”, podemos dizer que o curso dessa “corrida” que é o currículo acabamos por nos tornar o que somos. Nas discussões cotidianas, quando pensamos em currículo pensamos em apenas em conhecimento, esquecendo-nos de que o conhecimento que constitui o currículo esta inextricavelmente, centralmente, vitalmente, envolvido naquilo que somos, naquilo que nos tornamos: na nossa identidade, na nossa subjetividade.

No entanto, o que temos é uma escola que não se redefiniu e muito menos se reestruturou para abrir possibilidades de diálogos com os jovens e suas realidades. Pois, Dayrell (2007, p. 1117), contribui quando diz que

É muito comum, nas escolas, a visão da juventude tomada como um “vir a ser”, projetada para o futuro, ou o jovem identificado com um hedonismo individualista ou mesmo com o consumismo. Quando se trata de jovens pobres, ainda mais se forem negros, há uma vinculação à ideia do risco e da violência, tornando-os uma “classe perigosa”.

Assim podemos dizer que ao longo da história da educação, o currículo foi pensado de acordo com cada época vivida pelos sujeitos, levando em conta as dimensões culturais, sociais e econômicas, pois a educação evoluiu juntamente com a sociedade. Platão, em suas obras, já explicava a ideia de currículo através de um extenso “plano de estudos” destacando assim a Matemática para os alunos jovens mais aptos com uma continuidade aos estudos. (GAUTHIER; TARDIF, 2010).

Segundo Gauthier e Tardif (2010), podemos dizer que historicamente a disciplina de matemática no currículo iniciou com o sistema de numeração por uma necessidade dos povos Egípcios, Babilônicos, gregos, Hindu e Indo-árabe. Realizavam por meio de registros de símbolos as quantidades, cálculos das quatro operações, resolução de problemas e geometria, ou seja, a matemática é um conhecimento socialmente construído, ou seja, uma construção humana.

Para entender melhor este caminho histórico curricular, podemos afirmar que o currículo ficou dividido em três teorias, a Teoria Tradicional, Teoria Crítica e Teoria Pós-crítica. A partir do quadro abaixo, podemos ter uma ideia resumida dos principais conceitos entre estas Teorias, de acordo com SILVA (2003, p.17) demonstra através da seguinte tabela está trajetória curricular:

Quadro 1 – Teorias curriculares

Teorias Curriculares		
Teorias Tradicionais	Teorias Críticas	Teorias Pós-Críticas
Ensino	Ideologia	Identidade, alteridade,
Aprendizagem	Reprodução cultural e social	diferença
Avaliação	Poder	Subjetividade
Metodologia	Classe social	Significação e discurso
Didática	Capitalismo	Saber-poder
Organização	Relações sociais de	Representação
Planejamento	produção	Cultura
Eficiência	Conscientização	Gênero, raça, etnia,
Objetivos	Emancipação e libertação	sexualidade
	Currículo oculto	Multiculturalismo
	Resistência	

Fonte: SILVA (2013, p.17)

Percebemos que a Pós-modernidade assim como a Modernidade são períodos históricos. Onde o currículo passa por constantes transformações e sob estes períodos observa Lyotard (2000) sobre a Pós-modernidade que é considerado um período que se caracteriza como um combate às metanarrativas e uma rejeição à centralidade da razão proposta pela Modernidade:

Que a pedagogia na sociedade pós-moderna desaparece, mudam-se os métodos. Ensinam-se não os conteúdos, mas o uso dos terminais. Ensina-se um “manejo mais refinado deste jogo de linguagem que é a pergunta: onde endereçar a questão, isto é, qual é a memória pertinente para o que se quer saber?” O saber perde então a sua condição de “valor de uso” e passa a ser avaliado como algo que existe para ser vendido e que também existe para ser consumido com vistas a uma nova produção. Fornecedores e usuários do conhecimento passam a ter uma relação com saber como “valor de troca”. Lyotard (2000, p.129)

Desta forma, as teorias pós-críticas do currículo questionam as teorias críticas, assim, Bauman (2001) nomeia a condição pós-moderna de modernidade líquida e a modernidade ele denomina de sólida. Não há uma concordância de caracterização do presente, isto é, talvez por que estamos ainda vivendo neste período.

Bauman (2001) considera que estamos vivendo em uma modernidade líquida, ou seja, estamos em uma sociedade em constante transformação, isto é, as pessoas consomem em longa escala, tudo muda em poucos instantes, hoje o que sei ou o que aprendi, já amanhã se transforma, no qual a vida de cada indivíduo que é relativamente longa, é destinada à sobrevivência nas condições frágeis. Portanto, podemos considerar diferentes inícios e assim se caracterizar em diferentes episódios de vidas, o mundo do conhecimento acaba por andar em uma velocidade inferior a do mundo que vivemos variavelmente.

O currículo segue uma norma, ou seja, possui o objetivo de normalizar os direitos de aprendizagem para um todo de alunos, a população de educandos. Pois, Foucault (2001), explica que a norma é uma referência de cada indivíduo em relação aos indivíduos, ou seja, a sociedade. A norma é uma organização que dispõe elementos e princípios de uma população. Desse modo, entendemos que não há norma sem população, assim, a norma classifica, homogeniza, exclui, mede, avalia, e hierarquiza os sujeitos, seus comportamentos e suas capacidades, definindo o que é normal e, por conseguinte, o que é anormal. Contudo, desta forma, normalizar é então entendida como uma identidade, um modelo, um parâmetro, logo tudo que foge desta norma ou deste padrão é considerado como anormal.

Então como pensar em um currículo único para a escola e o seu sistema de ensino? Como construir uma Base Nacional Comum que dê conta de toda a pluralidade juvenil presente na escola contemporânea? Quais identidades juvenis foram tomadas como referência para a construção da nova base nacional comum proposta para o ensino? A Lei que institui a nova Base Nacional Comum Curricular é um documento que determina os conhecimentos essenciais que todos os alunos da Educação Básica tanto nas redes públicas, quanto nas redes particulares, devem aprender os conteúdos de acordo com o currículo de todo o país. O objetivo da BNCC é diminuir as desigualdades de aprendizagem entre os diferentes alunos e suas condições sociais, garantindo os direitos de aprendizagem dentro de um currículo elaborado por cada Estado e Município.

Em tempos atuais, percebemos este novo currículo com certa solidez em espaços e tempos escolares controversos, ainda com ações centralizada no professor e engessada por um currículo único, mas, precisamos de professores e propostas de fazer pedagógico que se reconfigura através de educadores mediadores, tais mudanças, muitas vezes não se dão no currículo escolar e sim em práticas que ocorrem paralelamente nos diferentes espaços escolares.

Portanto, vimos que há um grande problema na formação no período do Ensino Médio, fatores como as políticas públicas, o currículo, a infraestrutura, tecnologia, metodologia, formação dos docentes e a sociedade, que não se aproximam da realidade e do contexto social dos alunos,

que muitos buscam seu sonho em uma formação, na esperança de um futuro melhor. Por isso, que o documentário “Nunca me Sonharam” traz a mensagem que a educação tem um valor intrínseco, pois é uma ferramenta de possibilidades para nossa juventude.

E por isso que talvez, para muitos jovens, seja realmente o único meio de busca por uma vida mais digna, de evolução como ser humano, o conhecimento. Onde o documentário traz em pauta, através de depoimentos dos jovens de diferentes regiões do Brasil, a discussão acerca das dificuldades encontradas, obstáculos sociais, desigualdades, desmotivação, permanência familiar, composição familiar, ausência familiar que perpassam nas vozes destes jovens, que na verdade querem mudar, de certa forma, por meio da esperança e sonhos por uma vida melhor, sendo a única saída à educação.

Contudo, vimos que falta uma estrutura física e curricular da escola, pois o jovem é muito maior do que conteúdos, não que os conteúdos não sejam importantes, mas sim que devem ser pensados diferentes, não somente para passar nas avaliações e sim de um cunho social, que o professor possa ter a compreensão de entender a bagagem que o aluno traz consigo para começar a conhecer o jovem que atende.

Discussão dos resultados

Portanto, apresentar-se-ão parcialmente a análise, dos dados coletados através de um recorte do documentário produzido com a participação de diferentes jovens, sendo que os demais dados coletados e analisados não serão abordados neste artigo.

Nota-se, através da pesquisa, que envolveu alunos desde o 1º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental até o último ano do Ensino Médio, Normalistas e EJA, que o conhecimento informal é significativo, e realmente acontece, pois, independente da série/ano, os discentes investigados mostram que possuem um conhecimento expressivo com relação à disciplina de Matemática deixando claro em seus depoimentos a importância para vida, mas, no entanto, trazem a tona a questão curricular que não vem ao encontro com a formação básica, ficando lacunas. Esse fato foi observado através do exemplo em que um entrevistado diz: *“Bah,² professor! Esta fórmula de Bhaskara vamos usar quando for comprar um Doritos no mercado?”* Ou ainda quando uma Normalista fala: *“A escola não soube me oferecer matemática, eu acho que se a escola tivesse me oferecido a matemática de outra forma, tivesse pensado, não, ela não está entendendo, vamos abordar de outra forma, eu teria aprendido”*.(maio de 2018). Esses depoimentos mostram o quanto à Matemática vai se tornando este dito “bicho papão” entre os jovens.

E para finalizar as discussões, analisaremos o excerto abaixo para ilustrar a maneira de como os jovens narram suas visões e as relações existentes entre alunos e jovens no contexto da aula de Matemática:

² Utilizei a letra em Itálico e o uso de aspas nas transcrições das narrativas escritas em forma de excertos dos jovens, para diferenciar das citações bibliográficas. Nos excertos das narrativas não foram feitas as correções ortográficas. Também somente datei os excertos, sem ter a identificação.

“Nós jovens, eu não sei se os professores têm a mesma visão, mas eu vejo hoje que eles esperam que a gente seja máquinas de aprender, que a gente reproduz tudo, eles jogam mil e uma informações na nossa cabeça e a gente tem que reproduzir o que eles estão passando como copiadoras, entendi? ... Se eles perguntarem tem que estar na ponta da língua, a gente tem que se atinar na hora, haaaaa 2x dividido por tal tem que ser o que? vai? E não é bem assim!”(maio de 2018).

Podemos dizer que a visão dos jovens é que precisam produzir para o professor no imediato para provar que sabem e que aprenderam, até a aluna se utiliza da expressão “máquinas de aprender”, isto nos remete que não há uma participação, uma construção, e que todos aprendem e produzem no mesmo formato e no mesmo tempo, na visão da mesma. estas e outras expressões que destacamos como fortes e cheias de significados, onde a aluna deixa claro a real necessidade da construção e participação ativa no processo de ensino e aprendizagem.

Reafirmo que este termo que a matemática se torna o “bicho papão” é utilizado entre os jovens, pois os alunos dos anos iniciais em suas falas deixam claro seu deslumbramento com a disciplina, porém a grande maioria dos jovens, destacam a Matemática básica como a mais importante, sendo aquela utilizada no mercado (troco), isso se explica devido que, os jovens participantes da pesquisa, se sentem mais seguros quando a realidade vivenciada em seu contexto cultural são assimilados, o que realmente muitas vezes é desconhecido e não vivenciado, trazendo consigo o medo de errar, o não entendimento e o medo se sobrepondo, logo a insegurança traz o bicho papão.

Talvez, para alguns desses alunos, caso desafiados a calcular algo diferente e contextualizado com a vivência, dando significado social e cultural, certamente, teriam um entendimento mais significativo. Portanto os resultados iniciais me possibilitaram perceber que as vivências escolares positivas ou negativas constituem a forma como tais jovens compreendem a disciplina.

Considerações Finais

Portanto, através desta primeira inserção a campo, possibilitou a condição de reflexão sobre a fundamental importância que os educadores possuem em conciliar os conteúdos matemáticos propostos para a série, envolvendo e valorizando o contexto cultural e social no qual o aluno está inserido. É preciso tornar a disciplina de Matemática mais próxima da realidade do educando de uma forma lúdica, contextualizada e visando resultados positivos em relação ao ensino e à aprendizagem.

Destá forma, com a realização deste primeiro contato com o campo de pesquisa, nos possibilitou uma significativa reflexão acerca dos métodos de ensino e aprendizagem utilizados pelos professores nas aulas de Matemática, bem como a importância do entendimento de como se constitui este bicho papão entre os jovens com relação à disciplina de Matemática.

O conhecimento averiguado com a pesquisa oportunizou avaliar que existe um vasto e importante campo de pesquisa acerca desta visão juvenil sob a disciplina de Matemática, enfim, conclui-se que a investigação possibilitou uma pequena reflexão sobre o pensamento dos jovens a respeito da disciplina da matemática, porém definido como um mapeamento, que deixa claro onde a matemática começa a compor este bicho papão. Portanto, nesta primeira inserção a campo, possibilitou avaliar que existe um vasto e importante campo de pesquisa acerca desta visão juvenil com relação à disciplina de Matemática, principalmente entre os jovens do Ensino Médio e Curso Normal.

Agradecimentos

Agradeço a instituição UERGS e em nome dela a minha orientadora Rita Basso por sempre apoiar e incentivar no desenvolvimento de pesquisas dentro do campo dos Estudo Culturais sobre as juventudes, também a escola que abriu as portas para o espaço de pesquisa, bem como o convite a seus estudantes do Curso Normal, e claro pelos estudantes do Ensino Médio que aceitaram fazer suas narrativas acerca da disciplina de Matemática e me concedendo o direito de imagem para compor o documentário produzido na pesquisa.

Referências

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

DAYRELL, J. **A escola como espaço sociocultural**. In: Dayrell, J. (org.) *Múltiplos Olhares sobre Educação e Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

DAYRELL, J. **O jovem como sujeito social**. *Revista Brasileira de Educação*. 2003, n° 24, set/out/nov/dez.

DAYRELL, Juarez. **A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil**. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: ago. 2019.

Documentário Nunca me sonharam. Direção: Cacau Rhoden. Produção: Maria Farinha Filmes, duração: 1h20', 2017. Disponível em <http://www.videocamp.com/pt/movies/nuncamesonharam>. Acesso em: 27/09/2017.

FOUCAULT, Michel. **Os Anormais**: curso no Collège de France (1974-1975). (Aula de 12 de fevereiro de 1975). São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GAUTHIER, Clemont; TARDIF, Maurice. **A Pedagogia: teorias e práticas da Antiguidade aos nossos dias**. Petrópolis: Vozes, 2010. Disponível em: https://vascheffer.files.wordpress.com/2013/10/a_pedagogia-gauthier-e-tardif.pdf

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2000.

MARGULIS, M. & URRESTI, M.. **La juventud es más que una palabra**. In: MARGULIS, Mario (Ed.). *La juventud es más que una palabra*. Buenos Aires: Biblos, 2000. Disponível em: http://perio.unlp.edu.ar/catedras/system/files/mario_margulis-la-juventud-es-mas-que-una-palabra.pdf. Acesso em: 15/12/2018

REGUILLO, R. Las Culturas Juveniles: un campo de estúdios; breve agenda para la discusión. Revista Brasileira de Educação. V.23. Maio/jun/ago, 2003. p.103-118.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo/Tomaz Tadeu da Silva.- 3. Ed.-1 Reimp-Belo Horizonte: Autentica, 2013.